

INFORME MENSAL

A.H.J.B

Ano 4	Julho de 2012	Nº 32
Edição do Arquivo Histórico Judaico Brasileiro		
EDITOR: Samuel Belk		

Neste número

- 1- Um poeta popular; Mark Warshavsky
- 2- A origem do tango
- 3- Dia Internacional da Mulher
- 4- Histórias de Vida-Sra. Dora Wajgarten
- 5- A Mãe Judia: Jewish Hospitals
- 6- Jacó Kaufman, Campeão do Remo
- 7- Kamp Klestival

Um poeta popular: Mark Warshavsky

Mark Warshavsky nasceu em 1840 na cidade de Zhitomir, Rússia. Foi advogado de profissão e cantor popular por natureza, tendo falecido na cidade de Kiev em 1907.

Ele improvisava versos e os cantava em público, em reuniões sociais e festivas acompanhado de violão, mas não percebeu o valor literário e popular de suas canções até que Scholem Aleichem encorajou-o a publicá-las, além de escrever a introdução para o livro de Warshavsky: “Canções Populares com Notas” editado em 1900 e composto de 25 poemas.

Seu sucesso foi imediato, logo depois da publicação do livro, quando eles se associaram como atores itinerantes para audiências judaicas, em que Scholem Aleichem lia suas histórias e Warshavsky apresentava suas canções.

As canções e os poemas de Warshavsky, escritos num estilo simples, descrevem com entusiasmo o comportamento e os hábitos de vida dos judeus do shteitl, sua alegria e a tristeza da vida diária. Elas falam da criança, da família judia, bem como sobre o futuro do povo judeu.

Suas canções de casamento (bodas) e seus hinos a Sion trouxeram alegria, conforto e esperança para os judeus russos, vítimas da opressão czarista. As canções de Warshavsky tornaram-se bastante populares e foram publicadas e cantadas tanto na Europa Ocidental como nos Estados Unidos.

Vejamos uma de suas canções:

Oitenta ele e Setenta ela.

Faz hoje exatamente cinquenta anos
Que o casal de idosos vive juntos
Eles envelheceram, prestem atenção
Oitenta ele e setenta ela.

Deus os abençoou com honra e riquezas
Em vida eles nunca brigaram
Sempre caro Note ou Bobe se chamavam
Oitenta ele e setenta ela.

A turma começou tomar vinho aos poucos
A avó e avô entraram na roda
Os netos andaram adiante, de joelhos.
Oitenta ele e setenta ela.

E assim pularam quase toda noite
Avózinha diz o avô, uma boa noite.
Durma com saúde e se cubra muito bem
Oitenta ele e setenta ela

O avô já estava muito velho
Assim ele logo adormeceu
A avó não conseguia pregar os olhos
Oitenta ele e setenta ela.

A avó começou a adormecer de vez
O seu sonho lhes conto outra vez
Vamos deixar os dois tranquilos
Oitenta ele e setenta ela

A origem do tango

Lloica Czakis *

Há controvérsias, mas aceita-se que o tango surgiu nos anos 1880 em Buenos Aires é originário de ritmos de dança latino-americanos mais antigos. Na época, a Argentina era uma longa faixa de terra com o interior praticamente despovoado depois do massacre da população nativa, em 1879, durante a Campanha do Deserto, executada pelo então ministro da guerra, general Júlio A. Roca. Para atender à necessidade imediata de trabalhadores, milhares de imigrantes desembarcavam regularmente no maior porto do país, Buenos Aires, formando um caldo cultural de italianos, espanhóis, franceses e judeus, além da comunidade afro-argentina.

Muitos desses imigrantes viviam em torno dos bordéis do porto, onde alguns copos de bebida e companhia feminina amenizavam a sensação de estrangeiros numa terra estranha. Deste fermento cultural surgiu uma nova música, o tango. Por isso, o tango expressa mais do que a dor do amor frustrado. Ele fala de fatalidade, de destinos pesados, de um mundo tão ideal quanto impossível. A pesquisadora do tema María Susana Azzi afirma: “Quando colocados diante de situações críticas na vida, especialmente a morte –

sempre presente no tango – homens e mulheres liberam tensões por meio de seus medos e ansiedades e superam o desespero em rituais que poderiam ser considerados quase religiosos. Um determinado ritmo de tango, a milonga, é um deles.

Na forma de dança o tango originalmente representava o relacionamento entre a prostituta e seu gigolô e era portanto visto como obsceno. Somente em 1912, quando o sufrágio universal finalmente legitimou as manifestações culturais da baixa classe-média, ele encontrou lugar em toda a sociedade. A dança permaneceu intacta, mas a música se tornou menos corrosiva. Este período ficou conhecido como Guardia Vieja, e durou até os anos 1940, quando o tango chegou à Europa.

*Lloica Czakis, cantora argentina cujo repertório inclui peças de vanguarda, canções folclóricas e jazz. Ela produziu e estrelou o show Tangele: The Pulse of Yiddish Tango, em Londres em 2002.

Dia Internacional da Mulher

A Wizo São Paulo, entidade feminina de filantropia e assistência social comemorou no dia 12 de março o Dia Internacional da Mulher homenageando duas mulheres especiais cujas biografias abaixo transcrevemos:

Anita Waingort Novinsky

Nasceu na Polônia, no pequeno “shtetl” Sachov, perto da Cracóvia. Veio para o Brasil com pouco mais de um ano de idade.

Fez seus estudos primários no Mackenzie e seus estudos superiores na Universidade de São Paulo. Formou-se em Filosofia, fez especialização em Psicologia e doutorado em História. Livre-docente em Ciências Humanas, fez especialização na França em História das Mentalidades (École des Hautes Études, Universidade de Paris).

Nomeada “chercheur confirmé” (pesquisadora confirmada) por Leon Poliakov, de quem foi aluna na Escola de Altos Estudos, Paris, com seminários sobre Racismo.

Especializou-se em Inquisição e Cristãos Novos. Pesquisou durante mais de 30 anos em diversos arquivos europeus, principalmente no Arquivo da Torre do Tombo – Portugal, que concentra a maior coleção mundial de documentos sobre a Inquisição e os Judeus.

Publicou nove livros e mais de cem artigos em revistas especializadas, no Brasil e no estrangeiro.

Foi professora visitante em diversas Universidades na Europa e Estados Unidos.

Diretora de Estudos na Escola de Altos Estudos em Ciências Sociais e também em Ciências Religiosas, Universidade de Paris.

Ministrou cursos e conferências em diversas Universidades mundiais como Varsóvia, Tóquio, Tel Aviv, Lisboa, Porto e Nova York e também no Brasil. Atualmente, ministra cursos de pós graduação na Universidade de São Paulo.

Mara O.C. Siaulys

Mara Olímpia de Campos Siaulys é formada em Geografia pela Universidade de São Paulo, tendo sido professora do ensino oficial por mais de 20 anos. Formada em Pedagogia, com especialização no ensino de crianças com deficiência visual pela Universidade de São Paulo, é mestre em Distúrbios de Desenvolvimento pela Universidade Mackenzie. Após trabalhar como voluntária na Santa Casa de Misericórdia por 8 anos, fundou, há 20 anos, junto com seu marido Victor Siaulys, a Laramara, Associação de Assistência ao Deficiente Visual.

Autora de várias publicações específicas sobre educação de crianças com deficiência visual, ministrou e foi palestrante em congressos e conferências. Desenvolveu mais de 100 brinquedos especiais para crianças com deficiência visual. Escreveu o livro “Brincar para Todos”, no qual ensina a confeccionar 110 brinquedos e mostra a forma pela qual os utilizou durante seu trabalho.

Este livro concorreu ao Prêmio Jabuti, tendo sido finalista em sua categoria. Quinze mil exemplares do livro foram distribuídos pelo Ministério da Educação para todo o Brasil. Ela recebeu um grande número de homenagens pelos trabalhos produzidos.

Histórias de vida- Sra Dora Wajgarten

O Núcleo de História Oral do Arquivo Histórico Judaico Brasileiro coletou ao longo de seus 20 anos de existência, através de entrevistas, aproximadamente 400 histórias de imigrantes e seus descendentes. A trajetória desta senhora e de sua família, sua sobrevivência e seu reencontro no Brasil pareceriam obra de ficção se não soubéssemos quão reais estes fatos foram!

Eu nasci em Londres em 02 de fevereiro de 1915. A minha família era muito grande, eram oito irmãos, vivemos bem, meus pais eram religiosos, guardavam as sextas feiras e todos os yontoivim. Meus pais tinham uma loja para noivas no bairro de judeus e a colônia judaica comprava lá. Por causa da guerra, meus pais haviam fugido da Bélgica para a Inglaterra, onde eu e minha irmã Frida nascemos.

Eu estudava em escola pública, das oito de manhã até as cinco da tarde! Lá as escolas públicas eram muito antissemitas, eu sofri muito, lá na Inglaterra se falava Bloody Jew! Vou contar uma experiência que nunca na minha vida vou esquecer: Tinha uma professora de desenho e cada semana uma das alunas tinha que arrumar a sala ao sair e ela queria que eu arrumasse sempre. Eu falei: não é minha vez, agora é a vez de uma outra moça. Ela falou: mas eu quero que você arrume e eu respondi: eu não vou arrumar, então ela me bateu no rosto com uma dessas plantas que queimam, acho que era urtiga

Era uma planta para desenhar naquele dia! Eu cheguei em casa com o rosto machucado e meu pai falou: não vai ficar assim e ele foi na escola, chamaram a professora, mas foi um bla bla bla, ela dizia, o que o senhor está falando? Japonês? De qualquer jeito aquela professora foi afastada. Eu nunca vou esquecer esse episódio, mas tinha muito mais... Eu não sentia antissemitismo por parte das crianças, mas eu não me dava muito bem com elas, a gente sentia uma espécie de complexo. Meu pai amava a Bélgica e voltou para lá depois da guerra. Ai nós também voltamos.

Eu conheci meu marido em Antuérpia em 1933, na casa da minha irmã mais velha. Meu sogro era de uma família de rabinos de uma pequena cidade na Polônia e a família queria que o filho se tornasse religioso, mas ele não queria. Ele gostava de futebol, ele era diferente dos outros irmãos, então eles estavam tão felizes que ele ia casar comigo! Ele já tinha estado no Brasil, chegou aqui com 16 anos, veio junto com outra família judia.

Ele ficou um pouco aqui, depois foi para a Argentina e como todo judeu trabalhou de porta em porta, tirando fotografias. Com 26 anos ele resolveu ir para Palestina, ele era muito a favor de Israel! Antigamente os navios para Israel paravam na Antuérpia e os judeus não procuravam hotéis, ficavam em casa de família e ele ficou hospedado na casa da minha irmã e eu, por acaso, fui lá com meu outro irmão e assim nos conhecemos, foi tudo uma coincidência! No sábado seguinte eu já estava noiva e cinco semanas depois eu já estava casada porque meu pai adorava este homem e minha mãe estava apaixonada por ele! E minha ideia era casar!

Para falar a verdade eu nem sabia o que estava acontecendo comigo, eu era jovem inexperiente, não tinha essas ideias que hoje em dia as meninas tem. Eu casei, fui feliz, tive meus dois filhos. Em 1934 nasceu meu primeiro filho. Fui casada sessenta e quatro anos, sinto muita falta dele! Ele era para ir para Palestina, parou em Antuérpia, casou e lá ficou! Em Antuérpia ele trabalhou no comércio de tecidos e foi muito feliz! Eu nunca conheci os pais do meu marido!

Ele até chegou a voltar para a Polônia para ver os pais, mas ele viu que lá o negócio estava muito feio, ele até brigou lá, ele não estava mais acostumado a baixar a cabeça, ele foi até espancado e tudo, e o pai dele também, tiraram a barba do pai e o pai falou: foge para onde você puder! Os anos que antecederam a guerra foram muito difíceis! De repente em 1939, veio uma carta de meus sogros, que eles foram expulsos da casa deles que era uma casa tradicional de anos e anos atrás e foram mandados para o campo de concentração.

Nós não sabíamos quase nada da situação naquela época só tinha radio e era confuso, a gente ouvia as coisas e se assustava! Ai meu marido falou para minha mãe: Shviger: eu vou fugir para Brasil eu adoro o Brasil! Ai ela falou: Brasil não, Brasil não, mas quando as coisas apertaram muito, ela falou: furt guesinter heit, para onde vocês quiserem!

A minha irmã mais velha foi casada com um holandês, ela foi para a Holanda com o filho. Nunca mais soube deles. O Wolf meu irmão era casado, cinco crianças dele foram queimadas num orfanato, Waisenhaus, muitas crianças foram queimadas lá! A minha irmã Frida tinha dois filhos, eles mandaram jogar todas as crianças no meio da praça e ela viu como os filhos dela foram apunhalados! Ela falou: mata a mim também e eles mataram e pronto! Isso tudo na Bélgica!

Comigo foi diferente, porque quando chegou a hora, o Consulado Britânico chamou os ingleses e colocou todos em um navio em Ostende para levar para a Inglaterra. Eu pude levar meu filho, mas não pude levar meu marido. Mas o meu navio foi bombardeado e teve que voltar para Ostende, comecei então a procurar meu marido, as bombas caindo e ninguém sabia aonde ele estava e eu tinha que embarcar com meu filho de novo para Inglaterra. Meu filho tinha sete anos. Quando eu cheguei na Inglaterra a Lady Balfour do Joint (American Jewish Joint Distribution Committee) falou que as crianças não podiam ficar em Londres, tinham que ser levadas para um lugar desmilitarizado inclusive meu menino. Eu fiquei em Londres trabalhando e morando com uma senhora húngara, e depois com duas amigas da Bélgica. Fiquei um ano e meio sem ver meu filho!

Ai meu marido escreveu para mim que ele está vivo, que ele quer saber do menino e que ele mora em Lisboa. Eu respondi, mas em novembro de 1940 recebi uma carta do Joint dizendo que ele tinha acabado de ir embora para o Brasil. Foi bem difícil conseguir os documentos para ir ao Brasil, resgatar meu filho que não tinha passaporte nem passagem para viajar.

Eu tive que jurar que ele era meu filho e chamar muitas testemunhas, de qualquer jeito, lá o Joint me ajudou muito e com tudo isso eu cheguei no Brasil em outubro de quarenta e um. Meu marido morava numa pensão no Rio de Janeiro e desde que recebeu o telegrama avisando que eu chegaria ficou dormindo no porto para me esperar!

Entrevista realizada em 10 de novembro de 2004 por Anabela Sereno e Paulina Faiguenboim, transcrição de Thea Joffe e edição de Sueli Epstein

A Mãe Judia



Jewish hospitals

Jacó Kaufman, Campeão de Remo

Léa Vinocur Freitag

A Revista "Veja" de 13 de junho ("Vejinha") trouxe, à p. 25, uma foto histórica. Remando no rio Tietê, estão três jovens com expressão feliz, entre eles o grande cardiologista Adib Jatene e o "patrão" do barco, Jacó Kaufman.

Jacozinho era uma figura popular no velho Bom Retiro, detentor de numerosas medalhas em competições de regata. Outra atividade que o tornou

conhecido no bairro era a de relojoeiro. Essa habilidade trouxe muitas amizades e o firmou nessa profissão. Jacó era irmão de Elisa Kaufman Abramovich, que foi diretora da Escola Sholem Aleichem e fez carreira política.

A mãe, D. Anita, era uma figura conhecida no Bom Retiro, sempre liderando pessoas para ajudar os necessitados.

Kamp Klestival

O Instituto de Música Judaica e a Hebraica anunciam a realização do Kamp Klestival.

Será nos dias 11 a 14 de outubro, no Centro de Convenções Santa Mônica, na Cantareira e terá a participação dos melhores professores de música judaica do mundo como, Frank London e Michael Alpert (EUA), Polina e Merlin Shepherd (UK), Yair Dalal e Erez Mounk (Israel) e outros. É dirigido para pessoas de todas as idades, amantes da música judaica, profissionais, amadores, ou leigos, sem conhecimentos musicais específicos.

O custo do alojamento no Hotel do Centro de Convenções será de R\$ 650,00 (para sócios da Hebraica) e R\$ 720,00 (para não sócios) Diárias com pensão completa com 5 refeições. Informações e inscrições a partir de Julho na Central de Atendimento da Hebraica:

Tels. 3818.8888/ 8889/ 8891, com Patrícia.

Paralelamente será realizado também de 12 a 21 de outubro o Festival de Música Klezmer em diversos teatros e espaços culturais de São Paulo. Veja programação a partir de agosto, no site: www.imjbrasil.com.br,

Colaboradores

Myriam Chansky, Léa Vinocur Freitag, Rebeca Belk, Sueli Epstein e Hadasa Cytrynowicz (correspondente de Los Angeles).

Esta edição: Quatro páginas.

Tiragem: 800 exemplares, sendo 150 impressos e 650 digitais.

Todos os números anteriores do Informe se encontram no Site do Arquivo.

Arquivo Histórico Judaico Brasileiro

Presidente: Mauricio Serebrinic

**Rua Estela Sezefreda, 76- Tel. 3088-0879 2157-4121
E Mail: ahjb@ahjb.org.br Site: www.ahjb.org.br**